

MORTALIDADE DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: ENSAIO TEÓRICO SOBRE OS MOTIVOS DO FECHAMENTO PREMATURO DE EMPRESAS E LACUNAS DE PESQUISA

RESUMO

A importância da atividade empreendedora e das micro e pequenas empresas, originadas a partir dela, cresceu consideravelmente no contexto econômico e social nas últimas décadas. Essa atividade pode ser considerada um dos pilares de sustentação de economias de países como o Brasil. Nesse contexto, entender os índices de abertura e as taxas de crescimento de novos empreendimentos bem como aqueles empreendedores que obtiveram sucesso em seus negócios, ganha posição de destaque nos estudos organizacionais envolvendo a temática de empreendedorismo. Também torna-se igualmente importante, compreender as razões pelas quais ocorre o fechamento de tais empreendimentos. Desta maneira, o presente ensaio teórico pretende, a partir de uma revisão bibliográfica nos estudos disponíveis sobre mortalidade de micro e pequenas empresas, apresentar as temáticas abordadas por estes estudos bem como apontar os principais fatores que causam a mortalidade de micro e pequenas empresas evidenciados na literatura. Além disso, busca destacar possíveis lacunas a serem preenchidas nos estudos causais de mortalidade de micro e pequenas empresas. Este trabalho se caracteriza como um ensaio teórico realizado por meio de pesquisa bibliográfica. A coleta do material bibliográfico para composição deste ensaio se deu por meio da busca de publicações relacionadas com a mortalidade de micro e pequenas empresas. Foram pesquisados livros, artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais e estudos de órgãos oficiais. Enfim, verificou-se que não existe apenas um único fator a ser declarado como responsável pela mortalidade precoce de micro e pequenas empresas. Percebe-se que a inter-relação entre vários fatores culmina no fracasso e fechamento do empreendimento.

Palavras-chave: Micro e pequena empresa. Mortalidade. empreendedorismo.

Haroldo Yutaka Misunaga –
Unicesumar
Anderson Katsumi Miyatake
– Unicesumar
Marcelo Filippin –
Doutorando da UFRGS

E-mail:
hym82@bol.com.br
ander_katsumi@yahoo.com.br
mkfilippin@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a importância da atividade empreendedora e das micro e pequenas empresas, originadas a partir dessa atividade, cresceu consideravelmente, tanto no contexto econômico como no social. Segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), publicados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) atualmente no Brasil existem cerca de 6 milhões de micro e pequenas empresas (RAIS/TEM, 2011). Dessa forma, é possível notar que a atividade empreendedora contribui significativamente para economias de países como o Brasil. Em muitos casos, sua contribuição econômica se equipara à de empresas de grande porte, sendo fontes geradoras de emprego, renda, bens e serviços. Baron e Shane (2007) afirmam que as atividades dos empreendedores provocam um impacto grande nas economias de suas sociedades. Para estes autores, alguns fatores contribuem para essa evidência: (1) a mídia apresenta constantemente relatos entusiasmados de empreendedores de sucesso - exaltando assim o papel do empreendedorismo como algo atraente; (2) houve uma alteração nas configurações do trabalho e emprego - há uma reestruturação da relação entre empregadores e empregados; (3) a mudança de valores básicos - há a substituição de valores como segurança e estabilidade por independência e flexibilidade de escolha. Tais fatores, conforme Rimoli et al. (2004) podem exercer influência sobre os estudos relacionados com o empreendedorismo de tal forma que todo estudo sobre esta temática, seja ele caracterizado como conceitual ou aplicado, em essência direciona para fatores, condições e variáveis que possam viabilizar o sucesso dos empreendimentos.

Entretanto, conforme Machado e Espinha (2007, p. 13) existe um “descompasso entre o processo de criação de empresas e as taxas de encerramento de atividades de pequenos negócios”. Estes autores afirmam haver uma tendência de que nos primeiros anos de

existência aconteça o fechamento das pequenas e médias empresas, e, desta maneira, torna-se necessário avaliar o cenário econômico local considerando-se as taxas de mortalidade dos negócios. Estatísticas oficiais dão conta de que a taxa da mortalidade de micro e pequenas empresas brasileiras entre 2003 e 2005 foi de 22%, representando empresas que sobrevivem apenas até o segundo ano após o início de suas atividades (SEBRAE, 2007).

Através de pesquisa realizada em 2007, o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) fez a apuração dos índices de abertura e fechamento de empresas que foram constituídas nos anos de 2003, 2004 e 2005 identificando fatores condicionantes da sobrevivência e mortalidade das micro e pequenas empresas. A pesquisa mostrou que a taxa de mortalidade de empresas com até dois anos de existência é de 22%, índice este que aumenta para 31,3% para empresas de até três anos e 35,9% para empresas com até quatro anos de existência. Comparativamente, a pesquisa destaca que o percentual de sobrevivência de empresas de pequeno porte passou de 50,6% em 2002 para 78% em 2005 para empresas que permanecem em atividade pelo menos por dois anos (SEBRAE, 2007).

O indicador Serasa Experian de Falências e Recuperações apurou que no mesmo período (2003 a 2005) foi requerida a abertura de 44.144 processos de falência de empresas. Considerando apenas o ano de 2005, foram requeridas 9.548 aberturas de processos de falência dos quais 8.260 representavam micro e pequenas empresas (SERASA, 2010).

Esses dados foram atualizados em 2011. O SEBRAE apresenta resultado da pesquisa que mediu o índice de sobrevivência das empresas no Brasil. De acordo com a pesquisa, houve uma redução no índice de mortalidade de empresas com até dois anos de fundação de 28,1% para 26,9% quando há comparação de dados entre empresas fundadas 2005 e 2006 (SEBRAE,

2011). A pesquisa realizada pelo SEBRAE baseou-se no banco de dados da Receita Federal do Brasil e considerou quinhentas mil empresas que foram constituídas no ano de 2006. Tais dados, de acordo com a pesquisa, foram utilizados para estudar o comportamento das empresas abertas após a criação do sistema "Super Simples", que aplica um sistema tributário diferenciado para micro empresa e empresa de pequeno porte. Já em relação ao indicador Serasa Experian, no primeiro semestre do ano de 2011 foi solicitada a abertura de 1.044 processos de falências dentre as quais 694 representavam micro e pequenas empresas (SERASA, 2011).

Franco e Haase (2010) analisaram as micro e pequenas empresas e destacaram o papel desempenhado por elas no que tange à promoção da estabilidade de renda, crescimento econômico e emprego. Mesmo possuindo pontos fortes, estes autores argumentam que as micro e pequenas empresas enfrentam uma série de dificuldades e desvantagens em relação às empresas consideradas de grande porte.

Diante do exposto, entender os índices de abertura e as taxas de crescimento de novos empreendimentos bem como aqueles que obtiveram sucesso nesta empreitada ganha posição de destaque nos estudos organizacionais envolvendo a temática de empreendedorismo. Bonacim et al. (2009) afirmam que o empreendedorismo vem ganhando destaque em decorrência de ser capaz de impulsionar fatores relacionados com índices de emprego e produtividade. Mas, além disso, também torna-se igualmente importante compreender as razões pelas quais ocorre o fechamento de tais empreendimentos. A identificação e compreensão dos fatores de sucesso e fracasso nas micro e pequenas empresas pode contribuir, conforme Viapiana (2001) para a construção de um referencial teórico que sirva de base para estudos relacionados com as causas da mortalidade,

bem como indicar possíveis soluções para que sejam evitados problemas que resultem no fracasso empresarial condizente com as micro e pequenas empresas. Também, de acordo com Rimoli et al. (2004), a discussão das taxas de sucesso e insucesso e os fatores causais se torna cada vez mais necessária.

Sendo assim, o presente ensaio teórico pretende, a partir de uma revisão bibliográfica nos estudos disponíveis sobre mortalidade de micro e pequenas empresas, apresentar as temáticas abordadas por estes estudos bem como apontar os principais fatores que causam a mortalidade de micro e pequenas empresas apresentados na literatura. Além disso, destacar possíveis lacunas a serem preenchidas nos estudos causais de mortalidade de micro e pequenas empresas.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: apresentação da metodologia utilizada para a construção do ensaio teórico, em seguida, conceitos e causas da mortalidade de micro e pequenas empresas, obtidos por meio dos materiais bibliográficos consultados. As lacunas identificadas nos estudos sobre mortalidade de micro e pequenas empresas são apresentadas a seguir e, por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como um ensaio teórico realizado por meio de pesquisa bibliográfica. Considerada como parte da investigação científica, a pesquisa bibliográfica se mostra também como um importante instrumento de coleta de dados. Para Marconi e Lakatos (2010), a finalidade da pesquisa bibliográfica é a de proporcionar ao pesquisador contato direto com tudo aquilo que já foi documentado (escrito, dito ou filmado) sobre uma determinada temática ou assunto. Gil (2010) destaca que a pesquisa bibliográfica é útil para fornecer ao trabalho uma fundamentação teórica além de possibilitar a identificação do estágio em que se encontra o conhecimento

referente ao tema a ser estudado, se mostrando eficiente quando é necessário reunir dados ou informações.

A pesquisa bibliográfica, conforme Cervo e Bervian (1983, p. 55), “explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos” e dessa forma pode-se “conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema”.

A coleta do material bibliográfico para composição deste ensaio se deu por meio da busca de publicações relacionadas com a mortalidade de micro e pequenas empresas. Foram pesquisados livros, artigos publicados em periódicos e estudos de órgãos oficiais. Em relação aos periódicos, a busca se deu em periódicos nacionais e internacionais na área de Administração que abordassem especificamente o empreendedorismo como temática para suas publicações. O critério adotado para escolha dos periódicos foi o de estarem classificados no Qualis da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e que tivessem a classificação A ou B. Justifica-se a escolha deste critério pelo fato do Qualis indicar os veículos de publicação de maior relevância (classificações A e B) para a área, bem como ser um dos meios de divulgação destes veículos. O acesso aos periódicos foi feito através da utilização do “Portal Periódicos” da Capes. O período de publicações analisado foi do ano de 2005 até 2011. Para o ano de 2011, foram analisadas publicações disponíveis até os meses de setembro/outubro.

No caso dos periódicos nacionais, não foram localizados periódicos que tratassem exclusivamente da temática do empreendedorismo. Sendo assim, optou-se pelos periódicos de Administração classificados pelo Qualis. Já em relação aos periódicos internacionais, foi encontrado apenas um classificado pelo Qualis. Este periódico possui a classificação A e aborda especificamente o

empreendedorismo como foco de suas publicações. Assim, buscou-se no “Portal Periódicos” com a indicação da palavra-chave “*entrepreneurship*” outros periódicos voltados para esta temática.

Foram analisadas publicações entre os anos de 2005 e 2011, consultando-se os títulos dos artigos e seus resumos ou *abstracts*.

MORTALIDADE DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: CONCEITOS E CAUSAS

De acordo com Felipe et al. (2004), as pequenas e médias empresas detêm grande importância no cenário mundial, pois elas emergem nas economias industrializadas e nos países em desenvolvimento como formas de crescimento do emprego principalmente devido à possibilidade de flexibilidade e menor necessidade de capital. Colossi e Duarte (2000) salientam que o sucesso e fracasso das micro e pequenas empresas está diretamente ligado à economia nacional e consistem em variáveis determinantes para a manutenção e o crescimento da capacidade produtiva de um país. Apesar da expressiva representação econômica, as micro e pequenas empresas encontram dificuldades significativas para sobreviverem no mercado (FELIPPE et al., 2004).

Dutra e Previdelli (2007) afirmam que é importante compreender o fenômeno de mortalidade de empresas de forma que pesquisas sobre esse tema têm contribuído para o aprendizado a partir das experiências empresariais mal sucedidas no sentido de compreender os erros (ou acertos) cometidos para que se possa melhorar o desempenho futuro. Porém, são escassos os estudos voltados para análise e entendimento da mortalidade de empresas, em especial, aquelas classificadas como micro e pequena empresa. Najberg et al. (2000) destacam também que o assunto é pouco estudado no que se refere a empresas brasileiras, apesar da importância reconhecida dos estudos sobre criação e mortalidade de

empresas. Na maioria dos casos, de acordo com Gurdon e Samsom (2010), os estudos voltados para o fracasso de negócios são feitos em forma de “espelho” de estudos que destacam as razões para o sucesso, ou seja, há uma dependência excessiva do sucesso para se tentar explicar o fracasso.

Shepherd e Wiklind (2006) apresentam dois motivos pelos quais as pesquisas sobre mortalidade de empresas são escassas. O primeiro deles, de acordo com os autores, é o problema em fazer distinção entre “fracasso do negócio” e “sair do negócio” onde tal distinção não se dá de forma adequada, pois falta uma definição clara do que é fracasso. O segundo motivo se deve à falta de dados adequados sobre fracasso: as fontes secundárias de dados sobre as empresas que fecharam são raras e estas empresas desaparecem das bases de dados e, se os dados existem, há dificuldade em distinguir entre encerramento voluntário ou fracasso. Machado e Espinha (2007) afirmam ainda que as informações sobre o encerramento dos empreendimentos não se encontram de forma organizada tal como um banco de dados e não existe detalhamento suficiente que possam servir de subsídio para investigações mais aprofundadas. Nesse caso, buscar informações sobre o encerramento de empresas torna-se uma tarefa muito difícil e complexa. Além disso, os empreendedores não gostam de falar sobre as razões que levaram ao fechamento do seu empreendimento (SHEPHERD; WIKLIND, 2006). Complementando, Franco e Haase (2010) explicam que a percepção sobre o fracasso é um fenômeno subjetivo e que frequentemente está errado ou enviesado.

A descrição de fracassos empresariais se dá, de acordo com Viapiana (2001), como sendo empresas que faliram. Falência é definida como “incapacidade crônica de pagar o que se deve a alguém” (VIAPIANA, 2001, p. 513). Além do que, a empresa falida apresenta como característica o capital de giro negativo e a incapacidade de

honrar obrigações com os seus credores (PERRY, 2001; VIAPIANA, 2001).

Falência é outro termo designado para definir a mortalidade da empresa. Cochran (1981 apud Ferreira; Santos, 2008) sistematiza cinco definições do conceito de falência: (1) falência formal: caracterizada por empresas que fizeram a baixa formal do negócio frente a órgão oficiais; (2) encerramento das operações sem baixa formal e com dívidas e credores; (3) encerramento das atividades sem baixa formal com o intuito de evitar perdas e dívidas; (4) empresas que foram vendidas ou transformadas em outro ramo de atividade e (5) descontinuidade do negócio por qualquer outro motivo.

Uma empresa falida, conforme Perry (2001) é definida como aquela que havia pedido proteção contra falência gerando prejuízo para os credores. Por outro lado, Ucbasaran et al. (2010) afirmam que o insucesso do empreendimento não se relaciona unicamente com a falência ou liquidação da empresa. Os autores argumentam que a sobrevivência do negócio (e a decisão de encerrar uma empresa) será determinada pelos limites impostos pelo empreendedor levando-se em consideração o histórico de desempenho trilhado pela empresa.

A partir da definição de fracasso, delineiam-se as causas que culminam no encerramento precoce das atividades de micro e pequenas empresas. Franco e Haase (2010) classificam de duas maneiras os motivos que levam as micro e pequenas empresas ao fracasso: fatores endógenos (internos à empresa sendo passíveis de controle pela própria empresa ou seus membros) e exógenos (que se encontram no ambiente na qual a empresa atua). Os autores consideram como fatores endógenos a capacidade, habilidades sociais oriundas dos indivíduos e, como fatores exógenos, condições do mercado, apoio institucional, a sorte, fatores estes provenientes do ambiente.

Para Shepherd et al. (2009), o insucesso do empreendimento e consequente falência decorre de diminuição das receitas e do aumento das despesas a ponto de tornar as operações da empresa insustentáveis, chegando a níveis de insolvência. Assim, salientam os autores que o empreendedor fica impossibilitado de captar novos recursos bem como contrair dívidas, resultando na não continuidade do negócio.

Convém destacar que o empreendedor se caracteriza, conforme Greatti e Previdelli (2007) como um indivíduo que possui um alto nível de energia e perseverança aliados à imaginação que, quando combinados, geram a capacidade de transformar uma ideia precariamente definida em algo concreto. De acordo com esses autores, o empreendedor está imbuído de habilidades e competências que o possibilitam a criar uma empresa e também manter esta empresa atuante e sobrevivente em relação ao ambiente altamente competitivo na qual está inserida. Entretanto, Greatti e Previdelli (2007) alertam que muitos empreendedores, na ânsia de ver o seu empreendimento em plena atividade acabam por desconsiderar o planejamento comprometendo assim principalmente a captação e o gerenciamento de recursos. Tal falta de preocupação com a gestão gera, conforme os autores consequências que desembocarão na extinção do empreendimento. Viapiana (2001) corrobora a colocação feita por Greatti e Previdelli (2007) ao afirmar que a maioria dos empreendedores de pequenos empreendimentos acaba por estabelecer seu negócio baseando-se na facilidade de acesso e entrada em um determinado ramo dispensando o planejamento e estudos adequados para escolher a oportunidade de menor risco e que gere o retorno máximo.

Falta de conhecimento técnico e experiência dos gestores, caracterizam-se como alguns dos fatores de mortalidade (BONACIM et al., 2009). Viapiana (2001) complementa essa ideia

dizendo que a falta de experiência empresarial anterior seja um dos motivos mais importantes uma vez que disso decorrerão outras falhas e falta de competência gerencial que levará ao fracasso do empreendimento. Conforme Perry (2001), a causa mais citada do insucesso empresarial é a noção um tanto simplista e abrangente de "má gestão" ou uma "equipe de má gestão". Além do que, a falta de qualificação e experiência de fundadores e gestores das micro e pequenas empresas são apresentados por Franco e Haase (2010) como causas de restrições que afetam o desenvolvimento do empreendimento.

Outro aspecto que agrava ainda mais os índices de fracasso de micro e pequenas empresas está relacionado com o que Viapiana (2001) denominou de "solidão empresarial". Para o autor, o que ocorre é que a independência inerente ao empreendedor que em um primeiro momento o atrai para a criação do novo empreendimento passa a ser considerado como um estorvo. "Aprendem-se as lições do dia a dia através do método do ensaio e erro, repetindo os mesmos erros cansativos e desgastantes que os antecessores vêm cometendo há tantos anos. Proceder sozinho é um desperdício, deve-se aproveitar a experiência de outras pessoas" (SCHELL, 1995 apud VIAPIANA, 2001).

Em relação ao fracasso e consequente mortalidade infantil das pequenas e médias empresas, Bonacim et al. (2009) destacam três fatores que podem contribuir para tal fenômeno: as características pessoais do empreendedor, questões relacionadas ao planejamento estratégico e financeiro do empreendimento e, o processo de aprendizagem e incubação no que diz respeito ao apoio ao desenvolvimento do novo empreendimento. Além desses fatores, Dutra e Previdelli (2007) destacam algumas práticas que se tornam importantes para sucesso e, consequentemente, se não realizadas de forma satisfatória, contribuirão para o insucesso do empreendimento: (1) obtenção de informações

referentes ao mercado e o perfil de futuros clientes; (2) pesquisa sobre informações relacionadas à concorrência; (3) conhecimento sobre possíveis fornecedores, as condições de distribuição e logística além da variedade e valores dos produtos e serviços oferecidos por tais agentes e, (4) informações sobre tecnologia, processos produtivos, informações legais e tributárias, dentre outras.

Tratando da mortalidade de empresas graduadas de incubadoras, Castro e Machado (2007) destacam que, mesmo sendo menor o índice de mortalidade destas empresas em relação à empresas que não passaram pelo processo de incubação, é necessário ter conhecimento das possíveis causas que possam ter contribuído para mortalidade. Para Bonacim et al. (2009) as incubadoras de empresas se mostram como uma alternativa interessante no apoio ao desenvolvimento de empreendimentos jovens, pois, oferecem toda a infraestrutura necessária para o crescimento de projetos considerados inovadores. A mortalidade de empresas que passaram pelo processo de incubação deve ser averiguada e tornar-se objeto de estudo uma vez que empresas com esse perfil obtiveram inventivos, assessoria e infraestrutura necessária exatamente para não sofrerem com as dificuldades iniciais de um novo empreendimento (CASTRO; MACHADO, 2007).

Em uma situação específica, onde é analisado o fracasso de franquias nos Estados Unidos e na Europa, Holmberg e Morgan (2007) indicam que o fracasso de empreendimentos no sistema de franquias não é um evento único, mas um processo de múltiplos estágios. Todo o processo, desde a abertura até o fechamento do negócio é tratado através de um *continuum*, no qual delineiam-se todas as etapas do processo de operação desde a assinatura contratual da franquia até a falência ou fechamento do empreendimento do franqueado.

Outra barreira para o desenvolvimento das micro e pequenas empresas e uma consequente causa de mortalidade apresentada por Franco e Haase (2010) diz respeito à falta de apoio institucional relacionada com a legislação inadequada bem como o excesso de regulamentação para as empresas.

O excesso de otimismo pode ser compreendido como fator de mortalidade de empreendimentos, é o que afirmam Ucbasaran et al. (2010). Os empreendedores, na visão destes autores, são propensos a ter um nível de otimismo maior do que pessoas não-empREENDEDORAS e assim, esse excesso de otimismo faz com que se mostrem ou relatem que são menos suscetíveis a experimentar o fracasso. Os autores chamam esse otimismo excessivo de otimismo comparativo e alertam que o otimismo é necessário, mas que em níveis muito elevados podem ser um fator preponderante de encerramento do negócio.

LACUNAS VERIFICADAS NOS ESTUDOS SOBRE MORTALIDADE DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Uma possível lacuna dos estudos sobre mortalidade de micro e pequenas empresas a ser preenchida, traduz-se em empreendimentos que encerraram suas atividades por falta de poder de barganha. Bonacim et al. (2009) afirmam que muitos empreendimentos de pequeno porte sucumbem diante de clientes de grande porte por não possuírem condições para negociar preços e prazos. Assim, é necessário entender como se dá a relação entre as empresas de pequeno porte que acabam por se submeterem aos mandos dos clientes formados por grandes conglomerados como forma de sobrevivência, mas que por esse motivo, acabam por não conseguir honrar seus próprios compromissos ligados a questões internas (por exemplo, fornecedores) como externas (por exemplo, outros clientes). Verificar, além disso, os motivos que resultam na incapacidade de negociação: falta de habilidade administrativa

do empreendedor, concorrentes dispostos a se submeter a tais práticas, prática consolidada no meio na qual a empresa atua.

O entendimento do fenômeno da mortalidade de micro e pequenas empresas sob a ótica das redes sociais, mais especificamente a formação de redes interorganizacionais de micro e pequenas empresas, representa outra lacuna possível de estudos sobre o assunto. Vale e Guimarães (2010) em um estudo sobre o fenômeno da imersão (*embeddedness*) do empreendedor e a influência das redes sociais, analisaram a criação, sobrevivência e mortalidade de empresas à partir do contexto de redes sociais e da *embeddedness*. Com base no contexto de redes, as autoras procuraram fazer uma distinção entre os empreendedores que se mantiveram atuantes no mercado daqueles que tiveram seu empreendimento extinto. Da mesma forma, entender como se processa a formação de redes interorganizacionais bem como a manutenção dessas redes e as consequências para as micro e pequenas empresas que ingressaram, deixaram de ingressar ou que ingressaram e abandonaram a rede.

Outras possibilidades de estudos, segundo Bonancim et al. (2009) dizem respeito à inadimplência dos clientes, a alta carga tributária e a pouca fidelidade dos clientes, falta de procura de ajuda por parte do empreendedor, externalidades negativas não previstas pelos gestores, principalmente em decorrência da falta de planejamento, a não existência de uma consciência do empreendedor de que ele pode aprender com os erros cometidos. Em relação à fidelidade dos clientes, Adizes (2004) afirma que muitos empreendimentos são iniciados sem a devida identificação de uma necessidade do mercado, ocasionando assim um fator relacionado com a mortalidade prematura do negócio uma vez que o desenvolvimento do empreendimento se dará em virtude do atendimento das necessidades dos consumidores finais.

Especificidades locais, tais como interferências da cultura local ou, ainda, o reflexo de regulamentos e leis regionais que possam influenciar as empresas da região também podem ser outros estudos que podem ser desenvolvidos. Sobre a legislação vigente no local da instalação do empreendimento, Felipe e Ishisaki (2004) comentam que o não conhecimento das leis e normas pode ocasionar problemas para o empreendedor. Tais problemas são caracterizados por multas até o fechamento parcial ou total do empreendimento, assim, apresenta-se como fator importante para análise.

Formas para prever o insucesso do empreendimento se mostraram como possível lacuna a ser trabalhada nos estudos relacionados com a mortalidade de micro e pequenas empresas. Citando Edmister (1972), Ferreira e Santos (2008) comentam sobre a aplicação de ferramentas com o intuito de prever a falência de pequenas empresas por meio do uso de análises financeiras e técnicas estatísticas avançadas cujo objetivo é corroborar a hipótese de que uma gestão financeira ruim contribui para a mortalidade precoce das micro e pequenas empresas.

Ferreira e Santos (2008) destacam a escolha do sócio como possível lacuna de pesquisa. A má formação da sociedade que será responsável por dirigir a empresa pode ocasionar danos para a estrutura organizacional bem como nos investimentos financeiros ou de mão-de-obra feitos por cada sócio. Assim, a saída de um sócio pode representar a perda de capital investido o que pode comprometer a sobrevivência e consolidação do negócio.

Apesar dos números oficiais indicarem o fechamento de muitas micro e pequenas empresas, observa-se um alto índice de empresas que não efetuam sua baixa perante órgãos competentes como a Junta Comercial. A falta de uma base de dados que seja integrada

entre os órgãos oficiais é um obstáculo que dificulta os estudos sobre mortalidade de empresas. Tal fato, de acordo com Neves e Pessoa (2006) dificulta a realização de estudos para medir e entender o fenômeno da mortalidade precoce de empresas.

Os custos relacionados ao insucesso promovem uma oportunidade de desenvolvimento de estudo relacionado com a temática de mortalidade de micro e pequenas empresas. O mais evidente, de acordo com Rimoli et al. (2004), é o custo financeiro envolvendo a depreciação do capital investido no negócio. Também há, conforme os autores, perdas econômicas e sociais que se relacionam diretamente com a questão uma vez que o fechamento de uma empresa ocasiona desemprego e a redução na arrecadação de tributos. Assim, verificar o impacto econômico e social causado pela liquidação de micro e pequenas empresas também é importante.

Averiguar, de forma comparativa, como o insucesso é tratado culturalmente na sociedade em que o empreendimento está inserido é outra vertente que pode ser explorada. Rimoli et al. (2004) exemplificam a questão dizendo que nos EUA a questão do insucesso é tratada de forma a resultar em um aprendizado para que se possa atingir o êxito enquanto que em sociedades como a asiática, o insucesso é tratado como algo a ser evitado a todo custo e, caso venha acontecer, o empreendedor poderá ser privado de novas oportunidades de negócios.

Najberg et al. (2000) consideram que os índices oficiais de mortalidade de empresas podem se alterar se considerados na análise dos resultados a relação entre os estabelecimentos autônomos e o conjunto formado por matriz e filiais. Assim, abre-se outra possibilidade de aprofundamento e investigação dos estudos relacionados com a mortalidade de micro e pequenas empresas ao considerar a mortalidade de filiais, em separado do universo de empresas que atuam de forma autônoma no mercado.

A importância crescente dos serviços em relação aos produtos é destacado por Vargo e Lusch (2004). Segundo estes autores, o que ocorre é que os serviços deixam de ficar à margem do processo e passam a ocupar local de destaque no processo de criação de utilidade. Com o advento da internet, aumentaram as oportunidades para ofertas de serviços até então restritos ao universo físico de escritórios, lojas, consultórios, etc. Para Carvalho Neto e Takaoka (2009) houve a popularização da *web* devido à criação de navegadores com interface gráfica que permitem fácil acesso a dados como textos, imagens e sons sendo aceito pelo público em geral principalmente pela facilidade de uso. Tal fato, segundo os autores, fez com que a Internet se popularizasse e estendesse seu alcance ao público em geral. Assim, uma lacuna a ser preenchida refere-se à identificação e análise do encerramento de negócios voltados à prestação de serviço, em especial, na modalidade de comércio eletrônico. A volatilidade dos negócios eletrônicos bem como os processos de fusão e aquisição de empresas atuantes na Internet acontece de forma intensa e acelerada fazendo com que muitos negócios deixem de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bonacim et al. (2009) destacam que as tentativas malsucedidas de novos empreendimentos não devem ser desprezadas, uma vez que tornam-se fonte de conhecimento e experiência empreendedora. Os autores comentam que tais experiências, mesmo que afetem negativamente o empresário, podem oferecer subsídios para uma maior compreensão do empreendedorismo.

De fato, fica claro que existe no Brasil e em outros países, uma forte tendência para criação de novas empresas. Entretanto, ainda não se sabe ao certo, maneiras de como evitar que grande parte das empresas criadas encerre suas atividades de forma prematura, aumentando o

índice de mortalidade de empresas mensurado por estatísticas oficiais. Por outro lado, uma pequena parte das novas empresas persiste diante dos indicadores de mortalidade e passa a figurar dentre os números de empresas que sobrevivem ao longo do tempo.

Os fatores relacionados com as causas da mortalidade de micro e pequenas empresas encontram-se voltados principalmente para características do perfil do empreendedor, a experiência do empreendedor com a gestão de negócios e o planejamento (ou a falta dele) para implementação do empreendimento. Basicamente esses três fatores compõem os pilares das causas de encerramento dos micro e pequenos empreendimentos.

Por mais que as micro e pequenas empresas estejam cientes de suas dificuldades e limitações (as pesquisas apresentadas indicam que na maioria dos casos não há consciência para estes aspectos), é necessário planejar e implementar ações específicas que busquem reduzir de maneira efetiva as altas taxas de mortalidade prematura dos empreendimentos. Elaborar políticas capazes de auxiliar os empreendedores a superarem as deficiências administrativas e gerenciais promovendo o desenvolvimento de habilidades e competências de gestão é a principal tarefa ao se projetar formas de apoio para os empreendedores. Além disso, estimular a formação de redes de empreendedores onde o trabalho em conjunto e a cooperação poderão indicar meios para minimizar os erros e ampliar as chances de sobrevivência dos empreendimentos.

Enfim, verificou-se que não existe apenas um único fator a ser declarado como responsável pela mortalidade de micro e pequenas empresas. Os fatores que conduzem as empresas para o fracasso são variados e nem sempre são passíveis de identificação. Percebe-se que a inter-relação entre vários fatores culmina no fracasso e fechamento do empreendimento. Além do que, a ação direta do

empreendedor contribuirá de forma decisiva para a consolidação do fracasso (ou sucesso) do negócio.

REFERÊNCIAS

ADIZES, I. Os ciclos de vida das organizações: como e por que as empresas crescem e morrem e o que fazer a respeito. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

BARON, R. A.; SHANE, S. A. Empreendedorismo: uma visão do processo. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

BONACIM, C. A. G.; CUNHA, J. A. C. da; CORRÊA, H. L. Mortalidade dos empreendimentos de micro e pequenas empresas: causas e aprendizagem. **Gestão & Regionalidades**, v. 25, n. 74, p. 61-78, mai.-ago./2009.

CARVALHO NETO, S.; TAKAOKA, H. Ambientes Virtuais de Aprendizagem de Código Livre como Apoio ao Ensino Presencial na Área de Ciências Sociais Aplicadas: Um Estudo de Caso em uma Instituição de Ensino Superior In: XXXVIII Encontro da Anpad. 38., 2009, São Paulo. Anais... São Paulo, 2009, pp. 1-16.

CASTRO, S. C. de, MACHADO, H. V. Empresas de base tecnológica egressas de incubadoras paranaenses: fatores de mortalidade. In: MACHADO, H. V. (org). Causa de mortalidade de pequenas empresas: coletânea de estudos. Maringá: Eduem, 2007, p. 77-100.

COLOSSI, N.; DUARTE, R. C. Determinantes organizacionais da gestão em pequenas e médias empresas (PMEs) da Grande Florianópolis/SC. Revista Teoria e Evidência Econômica, v. 8, n. 4, maio/2000, p. 55-65.

DUTRA, I. de S.; PREVIDELLI, J. de J. Traço do perfil de dirigentes e de gestão em PMEs encerradas em um município norte paranaense. In: MACHADO, H. V. (org). Causa de mortalidade

de pequenas empresas: coletânea de estudos. Maringá: Eduem, 2007, p. 101-130.

FRANCO, M.; HAASE, H. Failure factors in small and medium-sized enterprises: qualitative study from an attributional perspective. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 6, p. 503-521, 2010.

FELIPPE, M. C. de.; ISHISAKI, N. Fatores condicionantes da mortalidade de pequenas e médias empresas na cidade de São José dos Campos. In: VII SEMEAD Seminário em Administração FEA-USP. 7, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo, 2004.

FERREIRA, L. F.; SANTOS, S. A. dos. Mortalidade precoce: uma análise das micro e pequenas empresas de São Paulo In: V Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 5, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008.

FRANCO, M.; HAASE, H. Failure factors in small and medium-sized enterprises: qualitative study from an attributional perspective. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 6, p. 503-521, 2010.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GREATTI, L.; PREVIDELLI, J. de J. O uso do plano de negócios como instrumento de análise comparativa das trajetórias de sucesso e de fracasso empresarial. In: MACHADO, H. V. (org). Causa de mortalidade de pequenas empresas: coletânea de estudos. Maringá: Eduem, 2007, p. 27-51.

GURDON, M. A.; SAMSOM, K. J. A longitudinal study of success and failure among scientist-started venture. **Technovation**, n. 30, p. 207-214, 2010.

HOLMBERG, S. R.; MORGAN, K. B. Entrepreneurial global franchise venture: US

and European franchisee failure strategic and empirical perspective. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 3, p. 379-401, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010.

MACHADO, H. V.; ESPINHA, P. G. Considerações sobre a mortalidade de pequenas empresas. In: MACHADO, H. V. (org). Causa de mortalidade de pequenas empresas: coletânea de estudos. Maringá: Eduem, 2007, p. 13-25.

NAJBERG, S.; PUGA, F. P.; OLIVEIRA, P. A. S. Criação e fechamento de firmas no Brasil: dez.1995/ dez.1997. Rio de Janeiro, BNDES, 2000.

NEVES, J. A. D.; PESSOA, R. W. A. Causas da mortalidade de micro e pequenas empresas: o caso das lojas de um shopping center. **Organizações em contexto**, n. 4, ano 2, p. 165-195, dez/2006.

PERRY, S. C. The relationship between written business plan and the failure of small business in US. **Journal of Small Business Management**, v. 39, n. 3, p. 201-208, 2001.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS/MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Número de Micro e Pequenas empresas. Disponível em: <<http://www.mpedata.com.br/Paginas/mpeinter.net.aspx>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

RIMOLI, C.; ANDREASSI, T.; GOUVEA, R. e BRITO, J. Reflexões sobre empreendedorismo: estudo de casos de empresas de sucesso e insucesso. *Revista de Práticas Administrativas*, v. 1, n. 3, p. 17-30, nov. /dez. 2004.

SERASA. Falências, recuperações judiciais e concordatas – total de ocorrências. Disponível em:

<http://www.serasaexperian.com.br/release/indicadores/falencias_concordatas.htm> Acesso em 10 jan. 2011.

SERASA. Falências, recuperações judiciais e concordatas – total de ocorrências. Disponível em: <http://www.serasaexperian.com.br/release/indicadores/falencias_concordatas.htm> Acesso em 30 out. 2011.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. Fatores condicionantes e taxas de sobrevivência e mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil – 2003-2005. Brasília, 2007.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. Taxa de sobrevivência das empresas no Brasil - coleção estudos e pesquisa – outubro/11. Brasília, 2011.

SHEPHERD, D. A.; WIKLIND, J. Success and failure at research on business failure and learning from it. **Foundation and trends in entrepreneurship**, v. 2, p. 1-35, 2006.

SHEPHERD, D. A.; WIKLUND, J.; HAYNIE, J. M. Moving forward: balancing the financial and emotional costs of business failure. **Journal of business venturing**, n. 24, p. 134-148, 2009.

UCBASARAN, D.; WESTHEAD, P.; WRIGHT M.; FLORES, M. The nature of entrepreneurial experience, business failure and comparative optimism. **Journal of Business Venturing**, n. 25, p. 541-555, 2010.

VALE, G. M. V.; GUIMARÃES, L. de O. Redes sociais na criação e mortalidade de empresas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 3, p. 325-337, jul./ set. 2010.

VARGO, S.; LUSCH, R. F. Evolving to a new dominant logic for marketing. **Journal of Marketing**, v. 68, n. 1, p. 1-17, 2004.

VIAPIANA, C. Fatores de sucesso e fracasso da micro e pequena empresa. In: II Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. 2, 2001, Londrina/PR. Anais... Londrina/PR, 2001, p. 505-526.